



EGBÉ IYÁ NASSÔ

I

Agô!

É no sangue que corre a vida.

É o Axé que nos faz viver.

Orixá é cabeça da nossa força!

E do ventre da Iyá de todos nós, o Axé chegou de mãe para filha, de mãe para uma nação.

A Iyá que legou ao mundo o vermelho-sangue da fé de pretas e pretos que matiza nossa terra, nossa Vila Vintém, nosso pavilhão.

Hoje, os tambores do samba ecoam a tradição oral e um chamado ancestral, conectando o Orun dos Orixás às raízes profundas da vida lorubá.

E, pela força do Axé, se levanta o Boi Vermelho em um cortejo mágico para buscar a exuberância de reinos encantados, filhos do ventre sagrado de lalorixás que pairam entre divindade e humanidade e que se fundem na gênese da criação Nagô.

O vento, em seus sussurros, revela o resplandecer do vermelho ardente, enquanto grãos de areia acariciam o solo, testemunhando passos que acalentam as almas. No céu, o orvalho se ergue como lágrimas de gratidão em honra ao Alafin. Na corte do palácio, rainhas e princesas adornam o Adê do Rei com sua preciosa beleza.

Kaô Kabecilê Xangô!

Em Oyó-Illé, a majestade resplandecia, refletindo a força dos segredos guardados pelas Iyás. Suas vidas eram devotadas ao bem, como uma poesia eterna entoada aos deuses. Os tesouros que teceram o Adê de Xangô se espalhariam pelo Brasil, entrelaçando mistérios e ancestralidade.

II

Os raios de Oòrún e a luminosidade de Òsùpá testemunhavam os dias de esplendor e as noites de glória que banhavam Oyó. Mas o horror dos ventos de imposta mudança soprou impiedosamente com a fúria covarde de usurpadores, rasgando o tecido da existência do império. No horizonte, uma travessia de dor, procissão ao desconhecido dos filhos e filhas que carregariam o lume de outrora em seus corações.

Nas espumas do Atlântico, onde lágrimas se confundiram com ondas, a fé se ergueu como velas a singrar os destinos através das águas turbulentas. O grivar daquelas velas destronadas de Oyó apontava na direção de outros rumos. O legado de uma África ancestral, entrelaçado com a coragem e determinação de uma princesa destemida, desembarcou nas terras sagradas de Salvador. Seus passos trouxeram consigo lembranças, afetos, saberes. Pulsava em seu peito a justiça e o Axé como um coração vibrante: Iyá Nassô, a filha de Oyó sob o Oxê de Xangô.

O tecido vermelho que outrora adornava o trono do Alafin não se esvaneceu. Iyá Nassô, guardiã e herdeira do sagrado segredo do Axé, o trouxe consigo, erguendo das cinzas uma chama ardente de esperança alimentada pela fé inabalável em seus Orixás, tornando-se um farol de resistência e resiliência para todos os seus descendentes.



III

Pela Ladeira do Berquó, Iyá Nassô, ao lado de outras princesas, protegidas pela força invencível de Ayrá Intilé, consagraram a luz da tradição nas imediações da Capela da Confraria de Nossa Senhora da Barroquinha. A fé se enraizou. Xangô, com seu trovão e tempestade de justiça, abençoou e guardou Iyá Nassô, tecendo um manto de proteção invisível, mas impenetrável.

E a resistência negra, nas vizinhanças católicas, se encontrou em irmandades, confrarias e sociedades secretas de pretas e pretos que nunca esmoreceram. Firmado um elo com suas irmãs de Ketu, Iyá Adetá e Iyá Akalá, e com a ajuda de outro venerável que permaneceu ao seu lado, Babá Assiká, Iyá Nassô teria plantado o Axé, semeando a fé primordial e dando o sopro da vida ao Candomblé no Brasil. Cada lágrima derramada foi uma prece silenciosa que ecoou pelos corredores do tempo. Entre os sussurros das noites escuras e os murmúrios dos dias sufocantes, as sementes dos Orixás foram abençoadas no solo brasileiro, carregadas de esperança e coragem.

Sementes que, nutridas pela determinação e regadas pelo suor da devoção, começaram a germinar. Cada cântico entoado, cada tambor ressoado e cada ritual celebrado foi um ato de fé que fortaleceu as raízes dessa árvore sagrada. Nos arredores da Barroquinha, o Ilê Iyá Omi Axé Ayrá Intilé se enraizou como um bastião de esperança, uma fortaleza espiritual construída com os tijolos da ancestralidade e o cimento da união de todas as nações.

Ayrá Ponon Opukodê!

No solo abençoado, onde a dor se transformou em força e a opressão se converteu em resistência, a semente dos Orixás começou a florescer. As folhas de seus ramos abrigaram os filhos e filhas da diáspora, oferecendo sombra e consolo.

IV

Todavia, o preconceito, como uma doença, sempre estava à espreita, impregnando os ares com intolerância. As religiões ancestrais, vivas nas almas dos negros e negras, eram vistas com desdém pelos olhos cegos de brancos indoutos e desprezíveis. Diante da injustiça e pela luta, o brado dos revoltosos! O grito dos Imalês ecoou pela noite, marcando profundamente o coração maternal de Iyá Nassô.

Tendo os filhos perseguidos após a Revolta dos Malês, por professarem sua fé à Xangô, Iyá Nassô, com a bravura destemida do machado de seu Orixá, interveio bravamente por seus filhos e converteu a prisão deles em um retorno à África.

Assim, para sua terra ela voltou, levando consigo sua família, de sangue e de santo, sacramentando a liberdade dos filhos e buscando mais aprendizados sobre a tradição dos rituais dos Orixás, sua força vital.

Aqui, a semente plantada com tanto sacrifício permaneceu. Essa semente, enterrada no solo fértil da Bahia de Todos os Santos, guardou a promessa de renascimento e resistência, mistério de vida eterno que continuou a penetrar cada vez mais fundo no solo, mantendo viva a chama da ancestralidade.



V

Anos depois, o mar, testemunha viva de idas e vindas, trouxe então de volta de Uidá a sucessora filha-de-santo daquela que plantou a semente no solo baiano. Marcelina Obatossi sentou-se no trono de Xangô, dando continuidade ao legado matriarcal de Iyá Nassô, que ancestralizou em África. Obatossi, em seu caminhar, soprou a liberdade para o babalaô Bamboxê Obitikô, guardião dos segredos de Ifá e do Xirê, ancestrais que regaram o Axé plantado pela Mãe de Todos.

O terreiro foi consagrado com seu nome, agora em outra encosta, em outro morro de fé. Reergueu-se como Ilê Axé Iyá Nassô Oká, considerado o mais antigo terreiro de Candomblé do Brasil, com a Casa para Xangô, o terreno para Oxóssi e o Axé de Oxum, a tríade que compõe seus alicerces. Foi na Casa Branca do Engenho Velho, com os assentamentos de Ayrá e de Oxóssi vindos da Barroquinha, que o Axé encontrou refúgio definitivo sob a Coroa assentada de Xangô, um santuário construído com as mãos calejadas da fé, à sombra do Bambuzal sagrado de Dankô e no acalanto das águas de Oxum. Uma Casa onde Oríkì's sagrados ecoam pelos corredores.

De lá, as sementes continuaram a se espalhar pelo Brasil, pelo Rio de Janeiro e pela Vila Vintém, e as festas do calendário espiritual da Casa são a presença viva do matriarcado de Iyá Nassô.

VI

No próximo carnaval, essa semente dará muitos frutos em forma de homenagem àquela que é considerada a Iyá de todos os Ilês, a Mãe de todos os terreiros. Que sua história seja contada e celebrada com alegria, pois seu legado vive em cada toque dos atabaques, em cada dança sagrada, em cada gesto de devoção aos Orixás. Que sua luz continue a guiar os passos daqueles que buscam a verdadeira essência da fé e da ancestralidade.

A comunidade vai cantar o pertencimento ao Egbé Iyá Nassô. Unidos, celebraremos a força que nos guia, mantendo viva a chama do Axé e honrando o legado eterno de nossas raízes. O espírito de Iyá Nassô até hoje floresce em cada canto, fazendo ecoar a união que reverbera através dos tempos.

Assim, hoje o Egbé Vila Vintém bate seus tambores.

Somos mais uma Pequena África.

Somos mais um terreiro sagrado de Samba.

Somos o cortejo de um povo feliz.

Somos mais uma nação orgulhosa nascida do ventre do Axé.

Somos filhos e filhas das Mães Baianas.

Somos descendentes de Iyá Nassô e do machado da justiça de Xangô.

Somos Unidos nas cores das Áfricas e do nosso Orixá.

Somos o Branco de Ayrá Intilé e o Vermelho de Xangô.

Somos o Boi Vermelho que humildemente bate cabeça em reverência ao Ilê Axé Iyá Nassô Oká.

Somos parte de uma comunidade de fé.

Aguerridos, somos **Egbé Iyá Nassô**.



G.R.E.S. UNIDOS DE PADRE MIGUEL

UTILIDADE PÚBLICA DECRETO LEI 936 DE 15 DE SETEMBRO DE 1959 - FUNDADO EM 12 DE NOVEMBRO DE 1957

Carnavalescos: Alexandre Louzada e Lucas Milato

Enredistas: Clark Mangabeira e Victor Marques

Texto da Sinopse: Clark Mangabeira e Victor Marques

Gratidão e devoção sempre à presença viva do Axé da tradição da Casa Branca do Engenho Velho, que tanto nos ensinou e ensina, e agradecimento pelo auxílio e colaboração mais do que especiais da pesquisadora pós-doutora e Ekedy Lisa Earl Castillo.

Glossário:

Egbé – comunidade

Agô – pedido de licença

Iyá – mãe

Orun – céu

Adê – coroa

Oòrún – sol

Òsùpá – lua

Oxê – machado de duas pontas, símbolo de Xangô

Oríki's – saudações aos Orixás e frases portadoras do Axé

Dankô- Orixá Senhor dos Grandes Bambuzais

Ayrá Ponon Opukodê – saudação: “Assim Ayrá ficará muito feliz”.

Kaô Kabecilê Xangô – saudação: “Venham saudar o Rei Xangô!”

Oyó-Ilé – capital do Império de Oyó.

Alafin – título do rei do Império de Oyó



Referências:

CASTILLO, Lisa Earl. **The Exodus of 1835: Agudá Life Stories and Social Networks**. In: T. Babawale, A. Alao and T. Onwumah (orgs.). Pan-Africanism and the Integration of Continental Africa and Diaspora Africa. Vol. 2. Lagos: Centre for Black and African Arts and Civilization, 2011.

CASTILLO, Lisa Earl. **Entre memória, mito e história: viajantes transatlânticos da Casa Branca**. In: J. J. Reis e E. Azevedo (orgs.). Escravidão e suas sombras. Salvador: Edufba, 2012.

CASTILLO, Lisa Earl e PARÉS, Luis Nicolau. **Marcelina da Silva e seu mundo: novos dados para historiografia do candomblé ketu**. Afro-Ásia, nº 36, 2007.

CASTILLO, Lisa Earl e PARÉS, Luis Nicolau. **José Pedro Autran e o retorno de Xangô**. Religião e Sociedade, n. 35(1), 2015

CASTILLO, Lisa Earl. **A “Nação Ketu” do Candomblé em contexto histórico: subgrupos iorubás na Bahia oitocentista**. In: Reginaldo, Lucilene e Ferreira, Roquinaldo (orgs.). Áfricas, margens e oceanos – perspectivas históricas. Campinas: Editora Unicamp, 2021.

CASTILLO, Lisa Earl. **O Terreiro do Gantois: redes sociais e etnografia no século XIX**. rev. hist., São Paulo, n.176, 2017.

CASTILLO, Lisa Earl. **Bamboxê Obitikô e a expansão do culto aos orixás (século XIX): uma rede religiosa afroatlântica**. Tempo, | Vol. 22, n. 39, 2016.

CRUZ DE SOUZA, Gonçalo Santa. **A Casa de Airá: criação de transformação das casas de culto nagô: Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Campo Grande-MS**. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2008.

DOURADO, Odete. **Antigas falas, novas aparências: o tombamento do Ilê Axé Iyá Nassô Oká e a preservação dos bens patrimoniais no Brasil**. Risco, n. 14[2], 2011.

JOHNSON, Samuel. **The History of the Yoruba from the Earliest Times to the British Protectorate**. Lagos: CMS Bookshops, 1967.

LAW, Robin. **The Oyo Empire, c.1600-c.1836: a West African imperialism in the era of the Atlantic slave trade**. Gregg Revivals, 1991.

LIMA, Vivaldo da Costa. **Ainda sobre a nação de queto**. In: C. Martins e R. Lody (orgs.). Faraimará: o caçador traz alegria. Rio de Janeiro: Pallas, 1999.



G.R.E.S. UNIDOS DE PADRE MIGUEL

UTILIDADE PÚBLICA DECRETO LEI 936 DE 15 DE SETEMBRO DE 1959 - FUNDADO EM 12 DE NOVEMBRO DE 1957

LIMA, Vivaldo da Costa. **A família de santo nos candomblés jeje-nagôs da Bahia.** Salvador: Corrupio, 1993.

OLIVEIRA, Ana Luiza da Silva. **As iyabás no Candomblé: as mulheres de terreiro e uma descrição dos itans das orixás.** Dissertação submetida à avaliação no Exame de Defesa de Mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia. Alagoas: UFAL, 2023.

OLIVEIRA, Rafael Soares de. **Feitiço de Oxum Um estudo sobre o Ilê Axé Iyá Nassô Oká e suas relações em rede com outros terreiros.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção do título de Doutor. Bahia: UFBA, 2005

PARÉS, Luis Nicolau. **Libertos africanos, comércio atlântico e Candomblé: a história de uma carta que não chegou ao destino.** rev. hist. (São Paulo), n.178, 2019.

PRANDI, Reginaldo; VALLADO, Armando. **Xangô, rei de Oió.** Barreti Filho, Aulo (org.). Dos yorùbá ao candomblé kétu. São Paulo: Edusp, 2010.

SCHILTZ, Marc. **Divindades iorubás do trovão e soberania: Àrá e Sàngó.** Afro-Ásia, n. 64, 2021.

SILVEIRA, Renato da. **O candomblé da Barroquinha: processo de constituição do primeiro terreiro baiano de keto.** Salvador: Maianga, 2006.

SILVEIRA, Renato da. **Sobre a fundação do terreiro do Alaketo.** Afro-Ásia, n. 29/30, 2003.

TAVARES, Ildásio. **Xangô.** Coleção Orixás. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

TRINDADE SERRA, José Ordep. **Ilê Axé Iyá Nassô Oká – Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho. Laudo Antropológico.** In: <https://ordepeserra.wordpress.com/wp-content/uploads/2008/09/laudo-casa-branca.pdf> .

VERGER, Pierre. **Orixás.** Salvador: Corrupio, 1981.